

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros..... 2,500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 1,300 >
Trimestre ou 13 >..... 700 >
Avulso..... 60 >

— ANNO I—6 DE NOVEMBRO DE 1881—N.º 38 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 7,500 réis
Semestre ou 26 numeros..... 4,000 >
Trimestre ou 13 >..... 2,000 >
Avulso..... 200 >

SUMMARY

GRAVURAS:—A esmola no inverno; As costureiras de saccos; Vendedeiras de filhós; A ilha de Nonnenwerth, no Rhenio
TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Portuga l velho, por Delphim d'Almeida; Domingo historico, por A. O.; Sciencia popularisada; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro.

ACTUALIDADES

Prometti n'outro dia fallar-te de Bianca Donadio.
Vejo-me hoje obrigado a fallar á minha promessa,

theatro e pela opinião quasi unanime da imprensa
que a sua companhia é irregular e deficiente. Para
remediar em parte estes gravissimos inconvenientes
escriptura uma artista de reputação excepcional e

culos a que deviam naturalmente corresponder no
vas enchentes, mette-a pura e simplesmente n'uma
boceta, dentro da qual ella tem permanecido n'es-
tes ultimos 10 dias, sem ter uma só vez respirado



A ESMOLA NO INVERNO.

Bianca Donadio deixou de ser uma actualidade, o que a não impedirá de o ser de novo na proxima semana.

É extraordinario o que se passa em S. Carlos. A empresa reconhece pela ausencia de espectadores, pelas manifestações dos poucos que frequentam o

superior mesmo ao proprio merito. Essa artista chega, estreia-se com felicidade e promove em S. Carlos o unico movimento de entusiasmo que lá tem havido desde o principio da epocha. Que faz em seguida a empresa? Em vez de explorar este successo, apresentando a gentil artista em novos especta-

o ambiente do proscenio. Uma celebre *Dinorah* promettida ha muito está ainda a ensaios de piano, e é provavel que antes do fim d'esta semana a campanha de Bellah não tintinne atravez da Bretanha de papelão estragado que se exhibe em bastidores e em hambolinas no palco do nosso theatro lyrico.

Em troca d'isto tivemos o mais vergonhoso fiasco d'esta epocha com a representação do *Roberto*. Um celebre trio sem orchestra e aquelle esplendido duo *Al Di mia patria i cavalieri*, do qual dizia Saint-Beuve, salvo erro, que Meyerbeer o escrevera com mão no punho d'uma espada, foram os pontos culminantes d'este desastre musical. Nunca a desafinação se permittiu excessos comparaveis n'uma sala decente como a do nosso theatro lyrico; e se é certo que nas regiões da outra vida os mortos illustres gosam ou soffrem ainda com os triumphos ou vicissitudes por que passam na terra as obras filhas do seu genio, Meyerbeer devia n'esse momento invejar ardentemente a surdez de Beethoven, que ao menos nunca percebe quando lhe estropiam as symphonias. Para alguma coisa no outro mundo ha de servir o ser surdo!

Ao passo que o theatro de S. Carlos offerece este aspecto desolador, os outros theatros por pirraça caminham de victoria em victoria. A *Mascotte* faz sempre sala cheia na Trindade e marcha alegremente para a sua centessima representação. A *Princesa de Bagdad* alcança em D. Maria um exito de estylo, de espirito, de luxo de *mise-en-scène*, de toilettes e de desempenho. Virginia, por um esforço supremo de talento, abandona a esphera placida e sentimental em que a sua vida artistica tem decorrido e ala-se com uma impetuosidade sublime a essa região agitada onde se desencadeiam as mais violentas paixões humanas. Esta transformação completa, que dota o theatro nacional com a actriz dramatica de que elle carecia, não contribuiu pouco para a victoria da peça que em virtude do entusiasmo e da concorrência que tem promovido, não será substituída brevemente.

O Gymnasio, elle proprio tão vagaroso de ordinario n'este *steeply chase* theatral, onde só de vez em quando apanhava a custo um ou outro premio de consolação, prepara-se para passar do triumpho completo da *Voz do sangue* ao exito certissimo do — *Divoisons*, de Sardou, a mais deliciosa e jovial comedia que o theatro francez tem produzido n'estes ultimos 10 annos.

Como se vê a primeira investida do inverno seria brilhantissima se não fosse a *degringolade* do nosso theatro lyrico.

Este é que se accusa e se accelera d'um modo irremediavel. *Fiascos sobre fiascos*. As segundas recitas das operas cantadas para os bancos da plateia, que ás vezes de indignados deixam cahir em si mesmos os seus proprios assentos, para manifestarem d'alguma forma o seu desagrado. Grande parte do repertorio que mais concorrência attrae ao theatro, completamente exaustos já. Nenhuma opera além do *Trovador*, teve ainda mais de tres representações. *Aida* sem poder voltar á scena por causa das desavenças com a sr.^a Stella Bonheur, que a empreza queria protestar e que por seu turno protestou contra esta resolução; a *Africana* igualmente incapaz, pela insufficiencia do desempenho de dar ao theatro, já não digo uma enchente, mas ao menos uma casa regular. O *Barbeiro de Sevilha*, apesar das *routades* realmente primorosas da *prima-donna*, idem. O *Roberto do Diabo*, a opera predilecta do publico, que ainda ha tres annos enchia o theatro noites successivas, por causa especialmente da maravilhosa interpretação de Uetam, cambalhota completa na 1.^a recita e na 2.^a definitivamente retirada de scena.

Já sabes pelos jornaes os episodios tragi-comicos que se deram n'essa noite com a intervenção policial. Não os repetirei com alguns dias de atrazo aos *reporters* meus collegas na imprensa diaria. A tua opinião já deve estar formada acerca d'esses aconte-

cimentos para os quaes um commentario a serio é honra imerecida.

Para terminar esta rapida viagem feita a todo o galope da penna atravez dos theatros de Lisboa, permitt-me, meu caro, que eu te annuncie com uma certa anticipação uma novidade que a Trindade nos vae apresentar e que o *sucesso* crescente da *Mascotte* adiou talvez para o fim de novembro.

Esta novidade representa uma arrojada e gloriosa tentativa da valente e briosa companhia d'aquelle theatro no caminho d'uma especie de renascença no nosso theatro de opera comica e um esforço de ascensão da musica banal e apenas ligeira dos *maestros* francezes, para outra ordem de composição musical, bem mais superior e elevada.

Está a ensaios n'aquelle theatro a opera comica *Os Dragões de Villar*, musica de Aimé Maillart.

Se a não ouviste cantada em S. Carlos pela esplendida companhia franceza que veio ha 4 annos a Lisboa, não fazes a menor ideia do encanto e da inspiração d'aquelle magnifico *spartito*.

Renuncio tambem a descrever-te o interesse, a boa vontade, o esmero com que todos os artistas ensaiam a opera. Tenho razões particulares para lhes ficar gratissimo e não estranharás por certo que eu aproveite a primeira occasião que se me depara para lh'o testemunhar.

Aparte estas actualidades theatraes, a semana foi arida e esteril. Não te admires pois de que a chronica seja esteril e arida tambem.

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ESMOLA NO INVERNO. — Publicando esta excellente gravura de um bello quadro de Mari Ten Kate, um jornal belga acompanha-a com uma mediocre poesia do sr. G. que aconselha aos ricos em versos, muito piores do que as intenções que os dictaram, que deem esmola aos pobresinhos. Ao lê-los, lembraram-nos os versos admiraveis do nosso Castilho, que são mil vezes mais dignos de acompanhar o quadro de Mari Ten Kate:

Oh! que asperro dezembro!

Treme o frio em cada membro,

se cogito, se me lembro

do que lá por fóra vai!

Pelos gelos da vidraça

olho a rua, ninguém passa,

mais que o vento que esvoaça
sobre a neve, e neve cae.

Mas á nossa residencia...

graças mil, ó Providencia!

traz de dezembro a inclemencia

doçuras a plenas mãos.

Viva o natal! santo dia!

Bom fogo aquece e allumia

a domestica alegria

de meninos e anciãos.

N'esse dia, n'essa hora,
em que infante um Deus se adora,

não ha penas, ninguém chora,
toda a terra está feliz.

Toda? Á porta d'esse nobre
não vejo eu bater um pobre,
que o vento cruel descobre
das rotas vestes subit?

E não é elle um menino?

Não vaga sem luz, sem tino,
ludibrio de atroz destino
por entre tanto folgar?

Vem-lhe o cheiro dos manjares,
vem-lhe o estrondo dos folgaes,
e entre tantos ricos lares,
não encontra aberto um lar.

Frio e fome! Coitadinho!

Como ave implume e sem ninho,
vã, sem lhe importar caminho,
vai sem saber onde irá.

Estes versos são o mais esplendido commentario, que se pôde fazer a este formosissimo quadro.

AS COSTUREIRAS DE SACOS. — As costureiras inglezas formam, principalmente em Londres, uma classe profundamente miseravel, porque os seus salarios vão sempre diminuindo, e um trabalho de quinze e dezeseis horas por dia está produzindo apenas uma remuneração de dois a tres schellings por semana (450 a 675 rs.). Imagine-se qual será a vida d'essas pobres costureiras.

As mais desgraçadas de todas são de certo as «costureiras de sacos». Ao cair da noite, quem passear, por exemplo, n'alguma rua solitaria dos bairros de Oeste, encontra de subito um bando de mulheres e de raparigas, que tratam, debaixo de um bico de gaz, de coser sacas de trigo, fazendo voar rapidamente a agulha pelo duro tecido. Estão ás vezes ali até ao romper da manhã, quando o freguez tem pressa. E porque vão ellas para a rua? Para poupar a luz.

Tal é o tristissimo quadro que temos diante dos olhos.

Foram estas e outras misérias profundas que inspiraram a um poeta inglez aquella admiravel *Canção da Camisa*, tão popular em Inglaterra, e que os nossos leitores já conhecem, porque a traduzimos ha tempos para o *Jornal do Domingo*.

AS VENDEDEIRAS DE FILHOS. — Filhó, coscorão, sonho, pertence, em todo o caso, o bolo que a velha vende, á numerosa familia d'essas aereas guloseimas, que tem por base essencial a farinha e o azeite. Sabendo que se trata de um d'esses doces, que entre nós se fabricam especialmente pelo entrudo, comprehenderão de certo as crianças portuguezas a avidez com que o pequenito que vai para a escola espera que se aprrompte esse manjar dos deuses, que é o sonho querido da rapaziada de todas as nações. A gula não tem fronteiras. Foi um guloso de certo que inventou o cosmopolitismo. *Beignets* ou coscorões tudo acolhem com perfeita indifferença pelas desinencias os estomagos e os paladares. A questão não é de terminação, é simplesmente de assucar.

A ILHA DE NONNENWERTH, NO RHENO. — Do nosso amigo o sr. F. recebemos a seguinte carta:

Caro amigo

«Quer v. decididamente que eu seja seu collaborador na secção «Vistas do Rheno», e, em encontrando gravura que represente alguma paisagem d'esse pittoresco rio, manda-m'a immediatamente para informar. É curioso, sim senhor, e muito conta v. com a minha paciência e com a minha amizade. Enfim resigno-me.

A gravura, que me enviou, representa a mais formosa paisagem do Rheno. Ah! meu amigo! que saudades me fez! Agora mesmo de inverno creio que preferiria mil vezes estar contemplando essa formosíssima ilha, a estar ouvindo em S. Carlos a sr.^a Turrola, cuja voz não tem precisamente o encanto da fada Lorely. Parece impossível, mas assim mesmo é que é.

Cumprindo pois as suas ordens, procurarei dar-lhe, tanto quanto possível, uma idéa da formosíssima paisagem que a sua gravura representa.

A paisagem é effectivamente admirável. Todos esses rochedos alcantilados que rodeiam o rio são extremamente pittorescos. Este é o Drachenfels, aquelle o Welkenburgo, etc. Palacios admiráveis, hoteis encantadores, aldeias formosíssimas, campos cultivados, tudo se desenrola, como um immenso panorama, por diante dos olhos do viajante que passa a bordo de um d'esses barcos a vapor que sulcam o rio constantemente. Ali á esquerda ergue-se o Rolandseck, castello de Roldão, e essa ilha lindíssima, que se nos mostra coberta de arvores, é a ilha de Nonnenwerth. Não ha paisagem mais serena, mais suave, mais variada, nem que mais alegre o coração e os olhos.

E a lenda, pergunta-me v. de certo, ha-de haver lenda por força? Se ha! A lenda é a flor azul das margens do Rheno que brota em todos os rochedos, por mais arida que sejam, banha a cada instante a raiz nas aguas mansas do rio. A lenda é a seguinte:

Roldão, sobrinho de Carlos Magno, partira para a guerra. Espalhou-se a noticia da sua morte, e a sua noiva Hildegarda, louca de desespero, professa como freira no convento de freiras de Nonnenwerth. Mas Roldão não morrera, voltou são e salvo, e, ao saber que sua esposa se separara d'elle para sempre por votos irrevogáveis, levanta n'esse rochedo ue defronta com a ilha, um castello para habitar: é esse o castello de Roldão (Rolandseck). D'ahi o triste ex-marido contemplava melancolicamente os muros do convento, onde Hildegarda chorava o seu triste destino. E assim passaram o resto da sua vida, ella dentro do mosteiro, elle dentro do castello, a namorarem-se e a contemplarem-se. O nosso D. João V, muito menos platonico do que o heróico medieval, construiu, seculos depois, um palacio junto de um mosteiro — o de Odivellas, mas construiu-o mesmo ao pé, com a sua comunicação interior, e comtudo não era marido de madre Paula Roldão, apesar de marido de Hildegarda, limitou-se a contemplar a de longe!

Ahi tem a explicação da sua gravura, e protesto-lhe que é a ultima. Eu decididamente não nasci para escriptor, e não é tão rica a minha carteira de viajante que assim possa occorrer ás necessidades do seu jornal. E enfim, meu amigo, escreveu Victor Hugo a respeito do Rheno, e ninguém melhor do que elle pode descrever essas admiráveis paisagens e essas vistas pittorescas. Disponha entretanto do seu, etc.

F.

PORTUGAL VELHO

O LUXO

VI

O rei D. Sebastião, aquelle rapaz tão mal educado, tão altivo e teimoso, com excellentes qualidades naturaes, e até virtudes, mas completamente depravadas pela educação, era verdadeiramente isto a que nós chamamos um frei Thomaz: olha para o que elle diz e não para o que elle faz.

Ao ver o zelo com que se empenhava para que todo o seu povo andasse vestido de modo, que nem o proprio S. Francisco tivesse motivo de torcer o nariz, imagina a gente que o austero principe guardaria no seu trajo a compostura e modestia que exigia dos outros. Historias! O pobre rapaz nem sabia, talvez das leis que em seu nome se publicavam; algumas em virtude de representação dos povos, mas todas feitas pela gente da governança, uns velhotes caturras, que só achavam bom o que era do seu tempo, e que estavam candidamente persuadidos que poderiam a seu capricho, com quatro linhas de um alvará, comprimir o desenvolvimento social.

Vejam como um chronista do estabulado monarcha nos descreve a pobreza franciscana, de que sua alteza deu o mais edificante exemplo aos fieis vassallos, quando no dia em que se embarcou para a malfadada empresa de Alcacér, foi, antes d'isso, assistir á benção da bandeira, na Sé de Lisboa.

«Sahindo el-rei do paço se poz a cavallo, mui ricamente vestido de uma telha entre parda e azul, com muitos troços d'ouro, e ia tão formoso e airoso, que parecia prometter-lhe a fortuna o sceptro de todo o mundo...» Poderá não; pois para quem se fizeram os reinos e imperios, senão para quem fôr *formoso e airoso*? Nem se precisa de mais nada para governar o mundo. Continuemos, porém, ouvindo o siúdo chronista, que depois de notar que o rei era «acompanhado de grande concurso de gente nobre,» acrescenta:

«Todos eram em competencia de quem mais gentil, loução e galante appareceria, com mais formosos ginetes, arreios, custosas roupas e outros atavios de infinito preço: e de verdade não se pode estimar em tanto as riquezas, vestidos e jaezes d'aquelle dia, e outras peças e joias, que tudo não seja verdade, porque como os fidalgos viram el-rei tão gostoso n'esta viagem, e elle se vestia com muitas louçainhas, todo o seu cuidado poseram em cada um fazer em vestidos de sedas, e peças d'ouro, e joias de pedras e perolas, mui largas despesas por o contentarem: tal era o amor de todos dezejarem servir el-rei, e o gosto de o agradarem, que não havia quem sentisse gastos e custos para esse fim, não sómente nos atavios da pessoa, mas em todo o mais: serviço de camas, mezas e outros ministerios, em que se fizeram gastos excessivos.»

Ora aqui está no que vieram a parar as virtuosas leis, destinadas a reprimir o luxo. O proprio rei obri-ga, com o seu exemplo, a gastos excessivos: em tafularias, para o que se anticiparam rendimentos de senhorios e commendas, venderam-se bens: livres, empenharam-se morgadios e até baixellas e alfaías. Depois veio o catastrophe de Alcacér-Kibir, e com ella a necessidade de mandar para a Barbária avultadas sommas, em resgate dos captivos: e como se este consideravel desfalque, junto com a enorme

¹Chronica d'el-rei D. Sebastião por frei Bernardo da Cruz, pag. 208 — 209.

despesa da expedição não bastasse para empobrecer o paiz, seguiram-se ainda as alterações promovidas pelas diferentes pretensões de successão ao throno, e a invasão estrangeira, por ultimo, para coroar a obra. Pois todo este enorme peso do infortunio ainda não foi bastante para esmagar a hydra da vaidade. Volvidos alguns annos, não muitos, duas ou tres dezenas d'elles, eil-a que levanta de novo a insolente cabeça, com pasmo e escandalo das pessoas tementes a Deus, e muito especialmente de um senhor alferes do exercito, cujo nome aqui offereço á veneração dos meus devotos leitores. Chamava-se elle Martin Afonso de Miranda, e era natural de Lisboa. Santo homem. Sobre tudo uma linguinha de prata. Enfadado, talvez, da ociosidade em que viviam elle e a sua espada, desenganou-se a escrever um livro em dois tomos, a que deu o titulo: *Tempo de agora* e no qual se regalou de dizer mal de todo o mundo! De todo o mundo, o alma do diabo! Quando a gente o vê muito enternecido a olhar para o passado, recordando-o — «tempo santo, quando a rainha D. Catharina assim era continua no trabalhar, que da secura que lhe causava o fiar, tinha sempre a par de si uma pucara com agua em que molhava os dedos: do qual trabalho fazia corporaes para as egrejas.» — é esperar-lhe pela volta, que não tarda uma reverendissima desanda as leas do seu tempo.

Já pouco antes da devota jaculatoria em honra e louvor da boa rainha D. Catharina, já antes d'isso tinha elle feito desenhar por um dos seus personagens (pois que o livro é em dialogos) este curioso quadro de genero:

«Todos os dias em amanhecendo, e muitas vezes á candeia, tomava a senhora minha mulher um cesto mui grande, forrado de setim vermelho, em o qual havia de todos os materiaes, e mèsinhas como em botica e gastava em se compor e enfeitar duas horas; e logo que dava fim a este ocioso entretenimento, se assentava em o seu estrado, do qual até ás horas de comer se não levantava.»

N'outro lugar refere com a santa tristeza de um bem aventurado, que passando tal dia pela rua nova, ahi vira certo cerigueiro enfiando uns chapins riquissimos, pelos quaes, só de feitiço, tinha o mestre recebido desessex mil reis.

E ainda se falla no luxo de hoje! luxo pobretão, sovina, grosseiro, que a maior concessão que faz a umas botinhas de mulher catita, é simplesmente um pesponto de retros... com cerol.

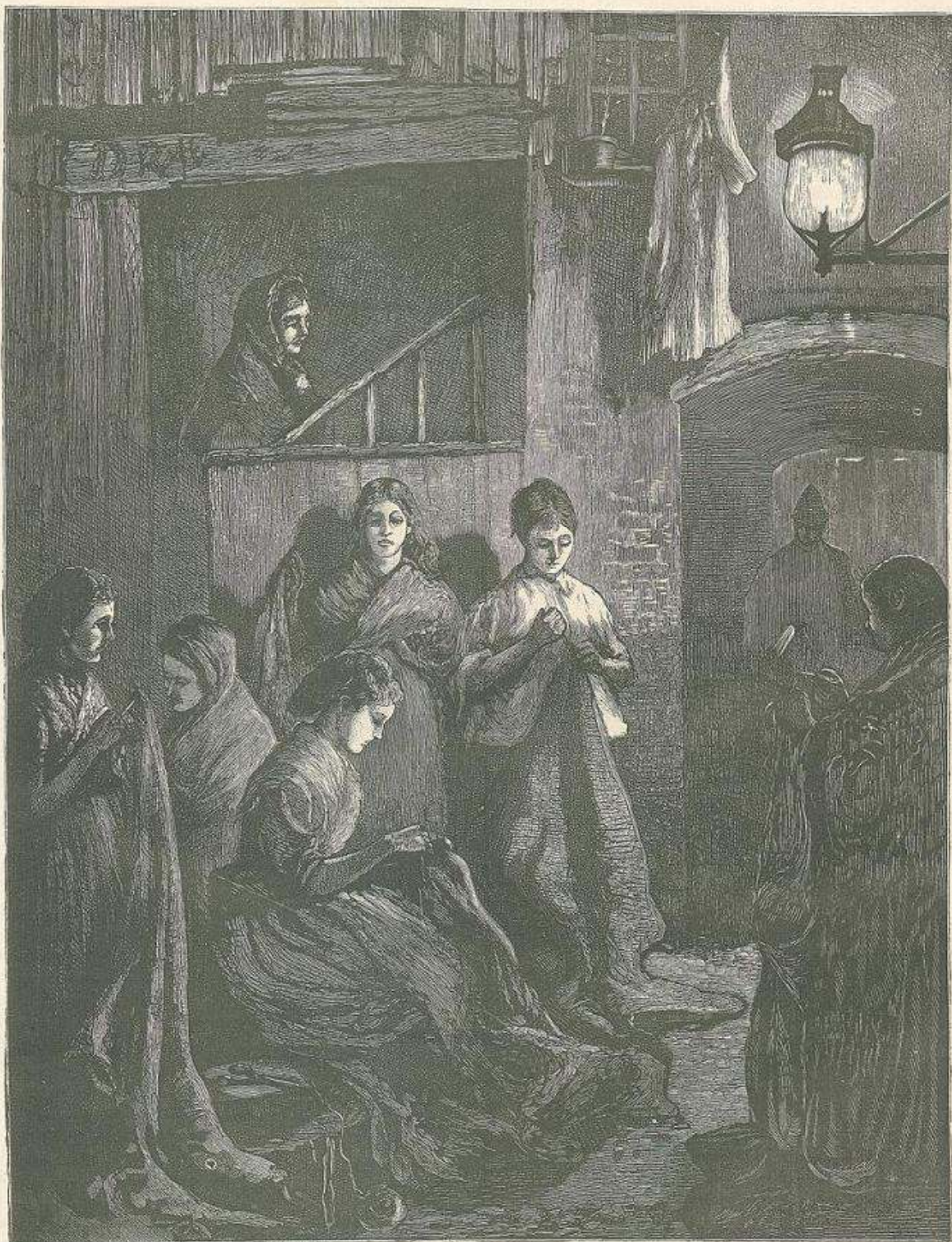
Pesaroso com este desperdicio, em honra do demonio, pae da vaidade e d'outras coisas peores, volta de novo o alferes a espiarecer a vista pelo tempo hemdito do passado, e a recordar-se «d'aquellas toalhas de olanda e panno de linho, aquellas saias de bom panno com sua barra, e as mais urbanas e cortesãs com seus debruns do mesmo, os gibões de canequim e por festa tafecira, ou tafeta... os chapins envernizados com seu verde na sola, e as senhoras, titulos, e gente principal, com um de Valença, tinham para toda a sua vida... os mantos eram de solia, file e sarja, e as senhoras, de burato, que lhe ficavam em morgado.» E o alferes conclue melancolicamente: «Estes eram os trajos e gastos do tempo passado.» Depois, recordando o que se passa no seu tempo, sente trepar por elle acima a indignação da virtude, e arremete desta forma contra o luxo e a grammatica.

«Que mulher ha por mais baixa que seja que se desencontre no vestir da mais illustre, todas trazem sedas, todas se querem servidas, e acompanhadas do que suas posses podem abranger, e qual ha d'estas que vendo uma saia com muitas sogilhas, e gol-

peada de mosqueta, não importune a seu marido lhe faça outra como ella; e o que mais é, que estes vestidos para serem bem feitos, dizem lh'os hade fazer o alfaiate da condessa D. fulana, porque o que se hade dar ao rato melhor é se dê ao gato. Que haja

para se castigar as mulheres de officiaes que trouxessem mantos de seda porque em uma igreja tomadas assim juntas não ha differença da sapateira á condessa, e da alfaiata á senhora, e nobre: de maneira que traz uma mulher d'estas sobre si no tem-

as sabias considerações de Aristóteles a respeito da «composição e temperança no vestir.» Como veem, um massador d'aquella casta, o tal alferes: raça insupportavel de moralistas casmurros, para quem uma simples mudança d'habitros, é uma immoralidade es-



AS COSTUREIRAS DE SACCOS.

mulher d'homem ordinario que dê por uma toalha quatro mil réis; os gibões que parecem trazem cossoletes, e com tanta prata, e ouro que valem o que me não atrevo a dizer, os chapins já não ha nenhum que não valham quatro a cinco mil réis para cima: pois os mantos é digno de grande castigo e em que os que governam deveram metter todo o cabedal,

po de agora, mais do que antigamente lhe davam em dote com seu marido.»¹

Esfalfado com o sermão, prosegue o falheres menos arrebatado, e mais erudito, recommendando muito

¹ Vidê tom. 1.º do *Tempo d'Agora* (2.ª edição, 1785), pag. 104, 106, 163, 164, 165.

candalosissima. Ainda assim, sejamos gratos á casmurrice do Miranda, a quem devemos as mais curiosas informações sobre os costumes portuguezes do seculo XVI; e hoje que os historiadores se occupam como nunca, de estudar a vida social, em que se acha quasi sempre a melhor explicação dos successos políticos, hoje aquelle livro tem bastante valor historico.

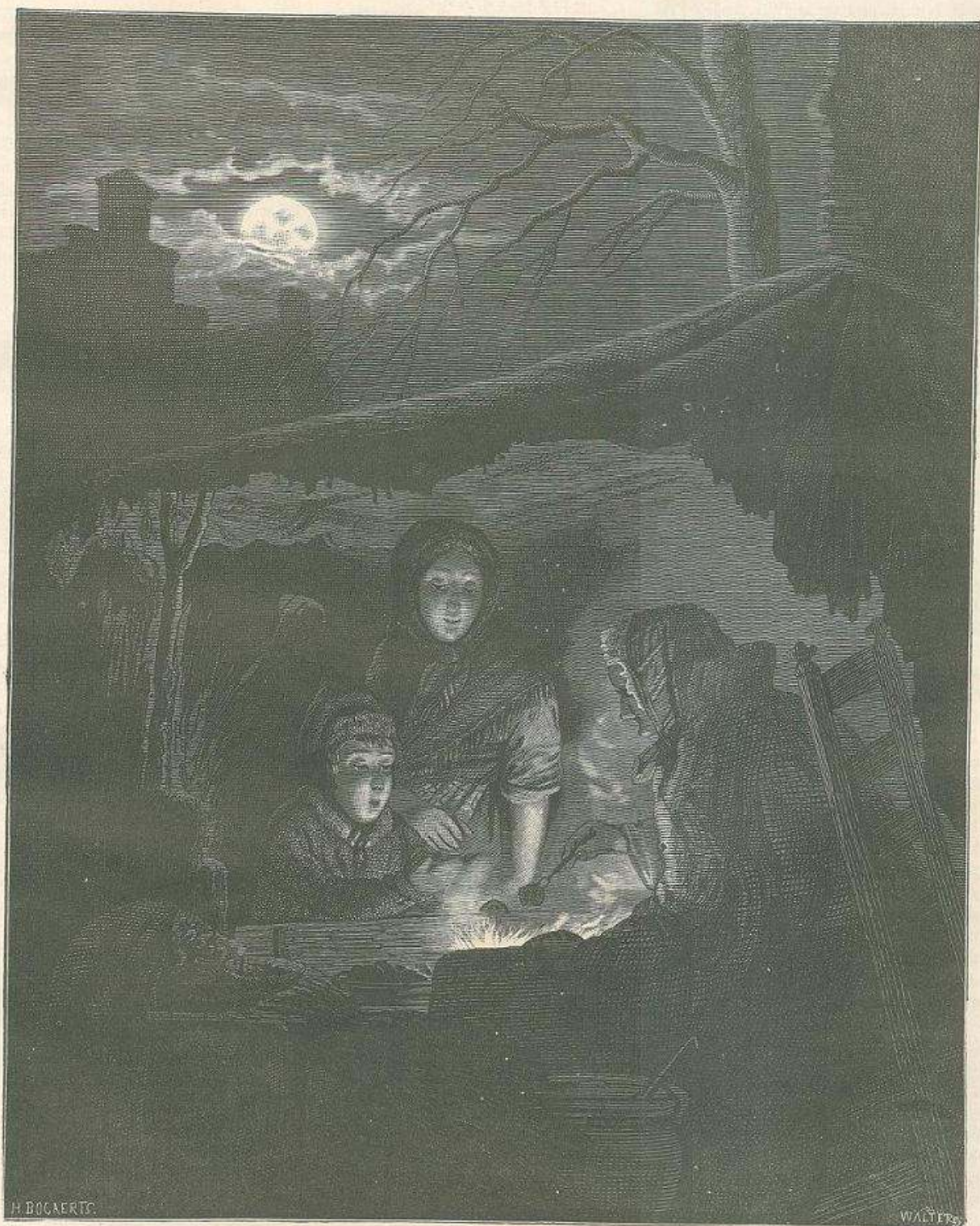
Apezar d'isso, porém, não moeremos mais o leitor com a prosa do Miranda: dar-lhe-hemos a nossa, que orça pela d'elle, mas que terá ao menos a vantagem de ser um pouco mais resumida.

va com o maior descaramento, mas ainda a traziam bordada d'ouro e prata.

Vae longo o artigo. Deixaremos o resto para outra vez.

DELFIN D'ALMEIDA

ça D. Theodosio II, e nasceu a 19 de março de 1504 no palacio de Villa Viçosa. Teve por aio D. Jorge de Mello e por mestre Jeronymo Soares, mas a sua educação litteraria não foi muito esmerada; o futuro soberano portuguez passava a maior parte do tempo



AS VENDEDEIRAS DE FILHOS.

Antes que esqueça, sempre mencionaremos uma observação do nosso homem, a qual serve de confirmar o que dissemos n'um d'estes artigos, sobre a inefficacia das leis positivas, contra a força das leis naturaes do desenvolvimento económico. Pasma elle o alferes, que apesar de ter sido prohibida a seda, e com tão graves penas, não só toda a gente a usa-

O DOMINGO HISTORICO

6 de novembro de 1656 — Morte de D. João IV

D. João IV, rei de Portugal e chefe da dynastia de Bragança, era filho do setimo duque de Bragan-

entetido em caçadas, ou applicando-se ao estudo da musica que foi sempre uma das suas maiores paixões.

O casamento com D. Luiza Francisca de Gusmão, filha do duque de Medina Sidonia, não o fez mudar de vida e a joven esposa chegou a magoar-se vendo que as comedias, as orquestras e os cantores lhe

roubavam o marido quando elle não andava pelos montes, rodeado de caçadores, arriscando a vida e a saúde em continuados exercicios venatorios.

Entretanto o conde duque d'Olivares para affastar D. João da patria, nomeou-o governador de Milão e tendo elle recusado sob o pretexto de nada conhecer dos negocios d'Italia investiu-o no governo das armas de Portugal para ver se d'este modo o compromettia na causa hespanhola. Aceitou o duque de Bragança para poder sondar o espirito da nobreza, mas encontrando-a prompta para tudo, teve receio de se comprometter e recolheu-se apressadamente ao palacio de Villa Viçosa.

D'ahi a pouco chegava a Lisboa a ordem que chamava a nobreza de Portugal para a guerra da Catalunha e quasi em seguida a carta instando com o duque para que tambem partisse. Foi então que o duque de Bragança comprehendeu que não devia hesitar mais, porque se recusasse partir, dava-se como culpado e se sabbia da terra em que nascera, perdia para sempre a esperança do throno e podia mesmo acabar os dias n'um carcere.

Em quanto isto se passava os portuguezes fatigados de soffrerem o jugo castelhano voltavam os olhos para o duque de Bragança, descendente dos antigos reis; e quando em 1637 rebentaram as alterações de Evora, alguns fidalgos offereceram a coroa ao filho de D. Theodosio. Nessa occasião o duque rejeitou porque sendo profundamente egoista teve medo de arriscar-se n'um movimento de cujo bom exito tinha poucas esperanças. Quando publicamente os fidalgos foram chamados a Madrid, resolveram acclamar D. João, quer elle quizesse quer não; e Pedro de Mendonça Furtado foi a Villa Viçosa participar ao duque o estado das coisas. Chegando ao passo soube que o duque andava caçando e dirigindo-se á tapada pintou-lhe as facilidades da sublevação e as circumstancias do reino, acabando por lhe dizer que os fidalgos estavam resolvidos a constituir-se em republica se elle não accedesse a coroa. Ainda assim o duque hesitou, mas vencido pela esposa que lhe disse: Mais vale viver reinando do que acabar servindo, deu a Pedro de Mendonça uma resposta affirmativa.

Partiu logo o emissario para Lisboa e effectuada no dia 1 de dezembro a revolução, partiu D. João para a capital, onde chegou a 6, celebrando-se pouco depois a cerimonia da coroação e principiando a reinar em Portugal com o nome de D. João IV.

Organizado o novo governo tratou-se de obter o reconhecimento da Independencia de Portugal pelas potencias estrangeiras e de preparar as forças para a lucta com Castelia. Os primeiros annos de campanha passaram-se em simples escaramuças e apenas em 1644 ganhou Matheus d'Albuquerque a victoria de Montijo, continuando depois a pequena guerra nas fronteiras; no Brazil os holandezes depois de serem obrigados a abandonar o Maranhão, e derrotados nas batalhas das Tabocas e dos Gararapes, tiveram de sahír definitivamente d'essa nossa Colonia americana, e na Africa, Salvador Correa de Sá recuperava Angola que os holandezes nos haviam tomado.

Na administração propriamente interna do paiz durante o tempo do processo de D. João IV, o facto capital é a espontaneidade com que as côrtes se mostram promptas a todos os sacrificios para sustentarem a corôa na cabeça do principe, que haviam elevado ao throno, e que afinal contando apenas 32 annos, falleceu a 6 de novembro de 1566.

A. O.

HORAS DE OCIO

Palavras em triangulo

- Sonho dourado para muitos
- Na pedra de amolar
- Procura, em Lisboa o encontras
- Preterito imperfeito de um verbo
- Uma vez n'um século

VALLATA.

Pergunta indiscreta

Qual era a terra mais socegada e qual era a terra mais nobre da nossa patria no tempo dos Romanos?

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO.

Problema de dominó

Fazer com as vinte e oito pedras do jogo do dominó, collocadas segundo as regras do jogo, tres palavras, uma portugueza, outra latina, outra franceza.

Enigma anagramma

De carne e osso ás direitas,
Ás avessas de metal,
Sou mortifera ás avessas,
Ás direitas sou mortal.

GANDAREZ. (Cantanhede).

Embrulhada lexicologica

Dadas as seguintes palavras:

Trages, Ultrage, Emulo, Cabala, Carnifice, Alborque, Aroma.

1.º — Encontrar outros tantos synonymos.

2.º — Com as letras iniciaes d'esses synonymos formar o nome de um heróe da nossa terra, e com as finais o nome de um actor nosso patricio.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Pergunta philologica

Recebemos mais a seguinte carta:

Sr. redactor.

Vi a resposta de Pelayo á pergunta de Eurico, e suscitou-me ella a seguinte observação, que me atrevo a communicar-lhe. Acho razoavel a explicação, mas parece-me que mais razoavel ficará ainda, se a modificarmos da seguinte forma:

Sabe que os Vascos não são só Hespanhoes, tambem os ha Francezes, separados uns dos outros pelos Pyreneus. Os *Basques* de França não fallarão bem francez, mas os hespanhoes ainda o fallam peor de certo. Não seria pois o primitivo proverbio o seguinte:

Il parle français comme un Basque espagnol. A corruptela para *Il parle français comme une vache espagnole* seria de certo muito mais facil ainda.

Como, por amabilidade com Eurico, o meu antecessor tomou o nome de um sujeito do seu conhecimento, farei eu o mesmo, assignando-me

OPPAS.

Soluções certas

Proverbio em estilhaços. — B. M. (Vianna do Castello), Edipo, Vasco (Coimbra), Benedicta Barros (Setúbal), A. C. de Magalhães (Braga), Carmelita.

Pergunta indiscreta. — Edipo, Vasco (Coimbra), B. M. (Vianna do Castello), Dois Estouvados, X. Y. Z.

Lexicologia. — Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaval), Edipo, Vasco (Coimbra), Carmelita, Dois estouvados, X. Y. Z., Nadege (Coimbra), Gandarez (Cantanhede), Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Soluções certas que nos chegaram atrasadas
Do n.º 34

Embrulhada bibliographica. — Caçador da savana (Elvas).

Do n.º 35

Lexicologia. — Caçador da savana (Elvas), Gandarez (Cantanhede), M. de Carvalho (Porto), Um amante de Minerva (Penañel), Valladas.

Charadas novissimas. — Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaval).

Pergunta indiscreta. — Gandarez (Cantanhede), Dominó escarlato (Tavira).

Phantasia arithmetica. — Gandarez (Cantanhede), Um amante de Minerva (Penañel), X. (curador dos orphãos).

Soluções dos problemas do n.º 36

Proverbio em estilhaços. — O habito não faz o monge.

Pergunta indiscreta. — Chança.

Lexicologia. — 10015150 (em algarismos romanos CIVIL synonymo de Polido).

SCIENCIA POPULARISADA

Exposição de Electricidade em Paris

III

Ainda mais duas noções indispensaveis para a comprehensão dos phenomenos eapparehos electricos, e depois entremos no assumpto palpitante da epocha. — a exposição de electricidade.

Chama-se *pedra imán* ou *iman* um oxido de ferro (combinação de ferro com o oxygenio), que tem a propriedade de attrahir o ferro, o nickel, o cobalto, etc. Os gregos chamavam *magnes* ao imán natural, e d'ahi se deriva a palavra *magnetismo*, com que se designa a parte da physica, que trata dos phenomenos magneticos. *Imans artificiaes* são as substancias, que adquirirem aquella propriedade em virtude de certas modificações, a que podemos submettel-as.

A acção do imán verifica-se de um modo notavel mergulhando-o em limalha de ferro. O imán fica immediatamente coberto de grãos de limalha, que se suspendem uns aos outros. E d'aqui se pode já concluir a possibilidade de magnetisar certos corpos, e particularmente o ferro, pelo simples contacto de um imán, por isso que os grãos de limalha para se suspenderem uns nos outros devem estar magnetisados. Mas esta limalha não cobre o imán de um modo uniforme; se elle tiver a forma de uma barra comprida, o seu centro ficará nu, e a limalha ir-se-ha reunir nas duas extremidades em torno de dois pontos chamados *polos*. Se partirmos uma barra magnetisada em diferentes porções, formar-se-hão dois polos nos extremos de cada porção.

O ferro, que facilmente adquire a propriedade magnetica, perde-a tambem com extrema facilidade; mas o aço temperado, magnetisando-se com muito custo, conserva por longo tempo o poder attrahente. Por esse motivo é empregado de preferencia na construção dos imans artificiaes, para obter os quaes é bastante esfregar as duas faces de uma lamina de aço com duas barras magnetisadas, sempre no mesmo sentido.

Os imans gosam de uma propriedade extremamente notavel. Quando se acham suspensos livremente, tomam uma direcção constante. Por isso, quando

suspendemos uma *agulha magnetica* (que não é mais do que uma barra magnetizada) por meio de um fio de algodão, vemos que ella toma uma direcção constante, e, se a desviarmos d'essa posição, voltará de novo a ella depois de uma serie de oscillações. Aproximando dos polos d'essa agulha os polos da outra, ver-se-ha que os polos do mesmo nome se repellem, e que se atraem os de nomes contrarios. Este phenomeno deu origem á theoria de dois fluidos, analoga á que expuzemos para a electricidade. Suppõe-se que nas *substancias magneticas* ha um *fluido magnetico neutro*, que se pode decompor em dois fluidos, *positivo* e *negativo* por effeito da magnetisação, como succede por effeito da electrisação.

Suspendendo um imán por um fio, apoiando-o n'um fulcro, ou collocando-o sobre cortiça fluctuante n'agua, o imán, depois de oscillar um pouco, fica em equilibrio na direcção da linha norte-sul. D'aquí se conclue que a terra actua sobre o imán, como qualquer massa de ferro. O polo do imán, que se volve constantemente para o norte, é sempre o mesmo, repellindo a terra um, e attraíndo o outro. Por consequencia, á semelhança do que se passa entre os *ímans*, diremos que se volta para o norte o polo *sul* ou *austral* do imán, e para o sul o polo *norte* ou *boreal*.

Collocando uma agulha magnetica debaixo de um fio metallico, cujas extremidades communicam com os *rheophoros* de uma pilha (já sabemos o que são *rheophoros*), nota-se que a agulha tende a cruzar-se com o fio. É claro pois que as correntes electricas actuaem sobre os imãs. O estudo d'essas acções constitue o *electro-magnetismo*. Esta parte da physica é uma sciencia muito moderna; mas tem realisado immensos progressos, tem feito importantissimas descobertas, entre as quaes figuram principalmente os *Telegraphos electricos*. Transmittir o pensamento a grandes distancias por meio de signaes, tal é o fim da telegraphia.

Ora, a transmissão dos signaes pode fazer-se por intermedio do som ou da luz, ou finalmente por intermedio da electricidade enviada de um ponto para outro com o auxilio de fios conductores.

O numero de signaes elementares pode ser muito limitado e até reduzido a um só, uma vez, que n'este ultimo caso, possa ser repetido em intervallos diferentes; n'esta hypothese a duração dos intervallos constitue o signal. Pode-se, por exemplo, transmittir despachos por meio de tiros de peça produzindo todos o mesmo som, mas com espaços diversos, ou por meio de uma luz, que se faz apparecer e desaparecer.

A telegraphia optica permite uma grande variedade de signaes, por isso que se pode modificar a posição relativa, e até mesmo a cor dos objectos que servem para a sua formação. Esta variedade faz com que se possa reduzir consideravelmente o numero de signaes, que compoem um despacho, condição essencial para um bom exito, quando se temem as interrupções. Na marinha obtém-se grande numero de signaes por meio de bandeiras de cores e formas diferentes, ou, de noite, por meio de fogos, cuja posição e cor se fazem variar.

A invenção da telegraphia electrica reduziu a casos muito especiaes o emprego de signaes acusticos e opticos.

No discurso do ultimo seculo, Lesage, Reiser, Salva e Betancourt, conseguiram transmittir signaes por meio de machina electrica; mas a producção da electricidade statica é tão penosa, o seu isolamento tão difficil, que o problema da telegraphia electrica não podia considerar-se resolvido.

Mas quando em 1800 as experiencias de Galvani encaminharam Volta ao descobrimento das correntes electricas e das suas propriedades chímicas e physiologicas, raiou para a sciencia uma nova aurora, inaugurou-se uma outra era, sendo possível substituir uma fonte permanente de electricidade ás machinas electricas e ás garrafas de Leyde empregadas então.

Appareceram osapparelhos de Soemmering, os trabalhos de Oersted e de Ampère; e a descoberta da magnetisação do ferro doce debaixo da influencia da electricidade, juntamente com a determinação das leis da intensidade da corrente por Ohm e Pouillet completaram a serie de conhecimentos necessarios para o desenvolvimento da telegraphia.

A telegraphia electrica, á semelhança de todas as grandes invenções, não é obra de um só homem; acompanhou a sciencia nas diversas phases do seu desenvolvimento, e só passou para o dominio da applicação quando, conhecidas as leis e as propriedades principaes da electricidade, a necessidade real de uma communicação instantanea veio provocar novos esforços, que foram coroados do exito mais feliz e lisongeiro.

E é tão importante o papel, que no mundo representam os telegraphos electricos, que se nos affigura um dever sagrado continuar a descrever em traços largos a sua historia, indicando os nomes dos que mais concorreram para implantar essa maravilha da sciencia.

Em 1834 Gauss e Weber estabeleceram, entre o observatorio e o gabinete de physica de Goettingue, uma communicação electrica, e obtiveram signaes por meio da oscillação do uma pequena barra magnetizada, que a corrente fazia desviar.

Steinhell construiu um telegrapho electrico em Munich, no anno de 1837, entre dois pontos, que distavam approximadamente 5 kilometros, sendo a terra empregada pela primeira vez para completar o circuito.

Em 1838 Morse apresentou e obteve o privilegio de invenção para um apparelho, que marcava n'uma tira de papel pontos e traços, cuja descoberta parece que remonta a 1832. Este apparelho, que é o primeiro em que se faz uso de um *electro-imán*, differe muito do que hoje se emprega com o nome do sabio professor americano.

Foi, sem contestação, Wheatstone, quem mais poderosamente contribuiu para o progresso da telegraphia electrica. Depois de ter fixado approximadamente a velocidade da electricidade, inventou a maneira de remediar a fraqueza da corrente, e o apparelho de agulha magnetica, que tem o seu nome.

Até 1840 a applicação da electricidade á telegraphia era simplesmente considerada como uma experiencia curiosa, sem que ninguém presentisse a possibilidade de a tornar pratica. Effectivamente faltava resolver uma questão importantissima, a de saber se seria possível obter n'uma grande extensão o isolamento sufficiente dos fios conductores sem despezas muito consideraveis. Mas não tardou muito a conhecer-se que simples fios de ferro, suspensos por meio de isoladores de porcelana ou de vidro, podiam transmittir a corrente electrica com a intensidade necessaria para fazer funcionar os apparelhos, e desde logo se organisaram companhias na Inglaterra e na America para a exploração d'este novo meio de communicação.

Depois d'isso por toda a parte se estabeleceram os telegraphos; aos progressos succederam novos progressos, sendo um dos mais importantes o estabelecimento do cabo sub-marino entre Calais e Dover em 1851.

Hoje estão immergidos em todos os mares grande numero de cabos, e uma rede immensa de fios areos, subterraneos e submarinos liga entre si as regiões mais apartadas do globo.

A que se reduz todo o systema de telegraphia electrica? Por que forma funcionam os apparelhos? A resposta, que é facillima para os que leram as noções elementares, que expuzemos, será dada no artigo seguinte, e bem assim a theoria e descripção do telephone, do microphone e do photophone, essas maravilhosas descobertas, que seriam bastantes para tornar memoravel o seculo XIX, se elle por tantos outros titulos não estivesse fadado para causar pasmo e admiração ás gerações futuras.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 295)

XXII

Ao norte, nos confins do horizonte, desenhavam-se de uma forma vaga immensas montanhas de gelo — torosas — chamadas «icebergs» pelos navegadores inglezes e americanos. Pouco adeante, estendia-se um grande espaço aberto no gelo, ou «polynia». E é digno de reparo que nas margens siberianas do mar Glacial, não se veem d'esses formidaveis montes de gelo como se veem nas costas da Groenlandia. Todavia, como a corrente do Oceano Polar se dirige de oeste para este, comprehende-se que sejam arrastadas para o estreito de Behring massas enormes de neve. Por esse motivo a elevação das montanhas geladas vae crescendo á medida que vae augmentando a distancia das costas.

O lugar escolhido para invernar era exactamente a região da margem do mar Glacial, em que habitam na epocha propria os caçadores de animaes, cujas pelles são empregadas como vestuario. Entre o limite, que elles fixam á sua zona, e a que do seu lado estabelecem os Tchukhtas, existe uma outra zona neutra e despovoad, muito favoravel ao acampamento de fugitivos.

A costa — bem como a margem do pequeno rio — era coberta de madeira, precioso recurso para a construcção de uma cabana e para alimentar o fogo durante um inverno, que se annunciava como devendo ser dos mais rigorosos.

Sem descançarem um só dia, todos — ate Yermac — trabalhavam na construcção da cabana. O interior foi disposto de maneira, que, além de um compartimento commum, tivesse um quarto para Nadege. Os homens deviam dormir juntos em outra divisão, sobre uma especie de leito fabricado de pedaços de madeira. Sobre a porta da cabana havia uma pelle de renna. Fóra, um corredor coberto, feito de blocos de neve, servia de guarda-vento, para impedir que o ar gelado penetrasse na cabana, quando alguém entrasse ou saísse. A cabana, de paredes muito baixas, foi consolidada exteriormente por meio de um talude de neve muito dura; precaução tomada contra os furacões, que, sem isso, a lançariam por terra e varreriam. O tecto, muito ligeiro apesar do cuidado com que o construíram os invernantes, era tambem coberto de grandes pedaços de neve. Por ultimo, na frente do corredor, uma verdadeira guarda avançada, feita de blocos enormes, devia servir de obstaculo ás tempestades, e evitar que a cabana se achasse de um momento para outro invadida e fechada pelas neves.

Yegor fez em seguida o inventário de tudo o que se possuía.

Eram, além de uma grande porção de peles e de abafos de todas as qualidades e feitios, uma chapa de ferro para o lume, assentada sobre quatro pés, uma cafeteira e uma caldeira, algumas colheres, garfos e facas, uma lanterna, uma serra, dois machados, duas facas de matto, as pistolas e espingardas com cem cartuchos aproximadamente para cada espingarda, a carabina de Yermac, um termómetro, a pequena bussola dos diques que Yegor trazia no relógio, — e finalmente esse relógio.

Por desgraça os viveres, como se sabe, não eram abundantes. Desde o primeiro dia o chefe de polícia recusou — como dissera — a comida, que lhe offereciam. Tinha-se posto ao lume a caldeira para fazer uma sopa de carne de renna. Cada um — excepto Yermac — tinha uma colher, com que ia comendo de uma vasilha commun. Yermac tirou do seu sacco biscoitos de farinha de centeio, que trouxera do os-

der-se vestido sobre as taboas do leito do acampamento, tendo contudo mudado de calçado, precaução indispensavel para não ficar com os pés gelados.

No dia seguinte fez umas dez armadilhas que constavam de uma caixa de construção tosca enterada no gelo. Na caixa estava a isca. Em cima havia uma trave, sustentada por uma grande mola que devia cahir sobre o animal, que tocando na isca fazia escapar a mola.

Vinte e quatro horas depois, o chefe de polícia, de machado no hombro, visitava os laços um por um, sem encontrar nada. Voltando para a cabana, em jejum, viu «markarchas» e arrancou-as com dificuldade para lhes comer as raízes. Foi o seu almoço, o seu jantar, e a sua ceia n'aquelle dia.

Yegor pediu a Nadege, que se impressionava com a resolução stoica de Yermac, que se não preoccupasse demasiadamente com isso, e que lhe não mostrasse muita inquietação; era talvez o unico meio de fazer com que elle procedesse de outro modo.

tia-se de tal forma transido de frio, que apesar das peles e do fogo acceso no centro da cabana, levantava-se frequentemente e desatava a correr ao redor da cabana para dar alguma flexibilidade aos membros adormecidos.

A noite de trinta e oito dias principiara a 22 de novembro. Yermac pensou seriamente em aproveitar-se das trevas para fugir. Mas não podia tentar dirigir-se a Nijni-Kolinsk sem auxilio de um guias.

Tekel pareceu-lhe por extremo afeiçoado a seus amos para ser corrompido. Chort porém affigurava-se-lhe mais tratavel. O chefe de polícia amedrontou-o dizendo-lhe a especie de gente, a cujo serviço se achava, e os perigos que corria, se por ventura os fugitivos chegassem a ser presos. Por ultimo propoz-lhe fugir com elle n'uma narta, cujos cães estavam habituados a obedecer-lhe, e prometteu-lhe uma optima recompensa logo que se encontrassem nas edificações do Kolima.

O yakute pediu tempo para reflectir. Ia sem duvi-



A ILHA DE NONNENWERTH, NO RHEINO.

trog, e que juntamente com um pedaço de yukula de «muksune» — especie de peixe seco — constituia a ceia do chefe de polícia.

Yegor e o sr. Lafleur olhavam um para o outro, deveras contristados pela determinação de Yermac.

— E quando acabar os biscoitos? perguntou-lhe o parisiense.

— D'amanhã em diante irei á caça, respondeu elle.

— Para caçar, é preciso uma espingarda...

— E a minha carabina está em seu poder. Não importa! faço armadilhas. Espero que me confiarão um machado para esse fim.

— De certo! exclamou Yegor que admirava o caracter do chefe de polícia.

— É necessario tambem uma isca, observou o parisiense.

— É verdade, não me lembrava d'isso, tornou Yermac.

E deixando de comer, poz de parte a sua provisão de yukula. Recusou o chá feito com gelo fundido, e depois d'esta refeição mais do que elementar debaixo de um frio de vinte e sete graos, foi esten-

Na cabana vivia-se da seguinte maneira. Pela manhã, muito cedo, levantavam-se todos. Tornava-se a accender o fogo, que se tinha apagado pouco a pouco, e cada um lavava a cara e as mãos com a neve recentemente cahida e ainda mole. Em seguida punha-se a cafeteira ao lume, e fazia-se chá. Depois d'isto era necessario cuidar do jantar e finalmente da ceia com as escassas provisões e utensilios de que dispunham. Yermac fazia sempre á parte o que elle chamava a sua cosinha.

O frio tornava-se aspero. O termómetro variava entre quinze e vinte e cinco graos, e a construção da cabana estava longe de poder proporcionar o indispensavel conforto quando o vento do nordeste, soprando com energia, lançava o fumo para dentro.

Os cachimbos dos yakutes tinham gelado. O ferro queimava quando se lhe tocava sem ter a mão envolvida n'uma pelle ou n'uma luva. O frio excessivo que a principio actua como excitante, produz dentro de pouco tempo a atonia. O primeiro atacado foi o sr. Lafleur. Tomou-o uma especie de embriaguez; as maxillas tremiam constantemente, os movimentos tornaram-se incertos. Algumas vezes, de noite, sen-

da ceder ás propostas do chefe de polícia, quando Yegor, sem o julgar, veio destruir-lhe os planos.

Yegor Semenoff comprehendeu logo que era de todo em todo impossivel sustentar trinta e quatro cães até ao fim do inverno. Faltavam-lhe muitas coisas para o exito feliz do seu arrojado projecto. De accordo com o sr. Lafleur, decidiu mandar os dois yakutes em narta a Elope Balo ou a alguma aldeia das margens do Omolone, — Nijni-Kolinsk era perigosissimo — a fim de comprarem peles de renna em quantidade bastante para a construção de uma «urus» ou tenda de viagem para quando se puzessem outra vez a caminho; pedaços de madeira de betula e peles para fazer uma «boyarde» — barco sem quilha, muito leve, feito de madeira e de coiro, e que serviria para passar correntes d'agua — e uma consideravel provisão de carne de renna gelada e peixe secco para os cães. Yegor entregou a Tekel peças de ouro e rublos em papel, que teem curso entre os indigenas, posto que entre elles a unidade monetaria seja antes o tabaco e a aguardente.

(Continua)